

# A supremacia do narrador

Por Redação, 22:07 / 10 de Novembro de 2007



*O que distingue a informação, matéria-prima do jornalismo, das narrativas inicialmente orais, calcadas numa tradição ancestral, mítica, é o excesso de explicações*

N´O Narrador, Walter Benjamin, ocupado com o declínio da experiência que repousa sobre a tradição partilhada e com a supressão da memória, vê no romance, no início da era moderna, o primeiro indício de um processo que irá culminar com o esvaziamento da capacidade narrativa. Em *Experiência e Pobreza*, publicado três anos antes (*Experiência e Pobreza* é de 1933 e *O Narrador*, composto entre 1926 e 1935 e publicado em 1936), ele questiona: 'Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?'. Contudo, não é com o romance, cujas origens remontam à antigüidade mas que só encontrou solo fértil para o seu pleno florescimento com a ascensão da burguesia, que esta crise atinge o seu pico. Para Benjamin, é a informação, contemporânea ao romance – e que o desafia! –, que põe em risco esta capacidade ('que nos parecia inalienável, a mais segura de todas') narrativa. N´O Narrador, diz Benjamin: 'Se a arte de narrar tem vindo a rarear, a divulgação da

informação tem contribuído decisivamente para isso'. E continua: 'Cada manhã somos informados do que acontece em todo o mundo. E, no entanto, somos tão pobres em histórias maravilhosas!'

Benjamin não chega a discorrer sobre o relacionamento conflituoso do jornalismo com a literatura nestes ensaios. Quando muito, no estudo sobre Baudelaire ( Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo), ao tratar da posição do escritor no início do século XIX, o autor discorre sobre a publicação do romance-folhetim nos jornais. Mas é partindo de suas reflexões sobre a arte narrativa que propomos aqui algumas considerações acerca dos encontros e desencontros do jornalismo com a literatura.

O que distingue a informação, matéria-prima do jornalismo, das narrativas inicialmente orais, calcadas numa tradição ancestral, mítica, é o excesso de explicações. Na obra de Nikolai Lesskov (1831-1895, o escritor russo de quem Benjamin parte para discutir o papel do narrador), ao contrário, o extraordinário e o maravilhoso são narrados sem que seja imposta coerência psicológica à ação: 'O leitor tem a liberdade de interpretar as coisas como as entende e, desse modo, os temas narrados atingem uma amplitude que falta à informação'. É esta abertura interpretativa que garante que uma boa história possa ecoar e ultrapassar o tempo e o território em que foi contada. Antecipando um tema caro a Umberto Eco na década de 1960, o conceito de obra aberta, Benjamin refere-se a uma história que está no capítulo XIV do terceiro livro da obra Histórias de Heródoto. Heródoto conta que o rei egípcio Psamenita, vencido e aprisionado pelo rei persa Cambises, vê a sua família e o seu séquito sofrerem toda sorte de humilhações. Contrariando o que se espera de uma pessoa em sua posição, Psamenita não expressa nenhuma emoção ao ver o sofrimento dos seus familiares. Mas quando passa diante de si, na fila dos cativos, seu velho criado, o rei bate os pulsos na cabeça num sinal do desespero mais profundo. Nutriria Psamenita um afeto especial pelo escravo, ser-lhe-ia grato por sua lealdade? Estaria aquele homem simbolizando, ao contrário da família real, todo o seu povo? Ou ainda, como interpretou Montaigne séculos depois, é quando a dor arrefece que podemos manifestá-la? Heródoto não esclarece nada. Para Benjamin, é exatamente esta aridez, esta falta de explicações, que faz com que a história do rei egípcio conserve a mesma força germinativa dos cereais encerrados sob as câmaras das pirâmides.

No Cara-de-Bronze (história de No Urubuquaquá, no Pinhém , um dos livros que compõem o Corpo de Baile), Guimarães Rosa narra sobre um

rico fazendeiro que incumbe um de seus empregados, o Grivo, de fazer uma viagem e trazer de lá a poesia do mundo. O texto diz que Grivo deve 'falar e sentir até amolecer as cascas da alma'. Sobre os relatos de Grivo, comentam os vaqueiros: 'mariposices, assunto de remondiolas' (...) 'Imaginamento. Toda qualidade de imaginamento, de alto a alto..'. Não há explicações para os relatos de Grivo. O que importa é a narração, a interpretação individual e movente, de cada ouvinte, no caso dos vaqueiros da história, e de cada leitor de Rosa. As estórias, como as de Grivo, embalam os sonhos dos seus espectadores, desembrutecem o Cara-de-Bronze. Sherazade nina seu bicho-papão. Esvaindo a pungência matadora de Shahryar, a narradora pacientemente o civiliza. Não é sem razão que Sherazade significa aquela que vem da cidade.

A que serviria ao jornalismo, ocupado com os fatos verificáveis, com a sua exposição, sua explicação, com a objetividade e verdade – entendida aqui como verdade consensual, representativa – esta lida com o fantasioso, este parentesco com o ofício fabular e fabuloso de Sherazade? Em que poderia o jornalista, que tanto tempo levou para se desvencilhar dos beletrismos, das literatices pseudo-intelectuais, ganhar com esta proximidade? Se a literatura é a arte de esconder e acenar, onde ela comungaria com um fazer da ordem da visibilidade, ocupado com o informar, o exibir, o desvendar, o expor?

Alguns teóricos do jornalismo, como Cremilda Medina, vêem na literatura a possibilidade do profissional de jornal aumentar seu repertório narrativo. Seria aprender com Grivo a amolecer as cascas da alma? Estaria Os sertões de Euclides assim tão distante do sertão mítico de Rosa?

Há o que escape ao verbo ordinário, ao lead, às fórmulas prontas, e resvale para os territórios fronteiriços, complexos, das narrativas humanas. Em que pesem as experiências do new journalism, do jornalismo gonzo, do romance-reportagem e das biografias, não são poucas as vantagens deste encontro. Nesses híbridos, o narrado não apenas documenta os fatos. Ele remodela o vivido. Refazendo-o, o questiona.

Em É isso um homem?, uma das obras (literárias, jornalísticas, memorialistas?) mais importantes para a reconstituição do que aconteceu em Auschwitz, Primo Levi relata as tragédias dos campos de concentração. Diante dos horrores vividos, o registro testemunhal de Levi confessa: 'Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado na frente a uma

mesa, escrevendo – hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido’.

***Gabriela Reinaldo***

*Especial para o Caderno3*

*A autora é proferssora do Curso de Comunicação da Unifor*